

Figura 01: Capa.

RAYMOND QUIVY
LUC VAN CAMPENHOUDT

MANUAL DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

METODOLOGIA CIENTÍFICA APLICADA 2013

Prof.^a Dr.^a Sonia Afonso

Carlos Sanchez – Etienne Arcari – Giovani Voltolini – Luana Carbonari – Natalia Bula

Biografia.

Raymond Quivy é doutor em ciências políticas pela Universidade Católica de Louvain (UCL), ele é professor na Universidade Católica de Mons (FUCAM). Ensina metodologia da pesquisa em ciências sociais.



FIGURA 02: Luc Van CAMPENHOUDT.

Luc Van Campenhoudt - Nasceu em Schaerbeek (Bruxelas, Bélgica) é sociólogo, diretor do Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Faculdades de Saint-Louis (Bruxelas) e professor da Universidade Saint-Louis e da Universidade de Louvain. O seu trabalho incide sobre a criminalidade e insegurança.

6ª etapa

A análise das informações

ETAPAS DO PROCEDIMENTO

Etapa 1 – A pergunta de pesquisa

Etapa 2 – A Exploração

LEITURAS

ENTREVISTAS
EXPLORATÓRIAS

Etapa 3 – A problemática

Etapa 4 – A construção de modelos
de análise

Etapa 5 – A observação

Etapa 6 – A análise das informações

Etapa 7 – As conclusões

OBJETIVOS

O objetivo da investigação é **responder a pergunta de partida**.

O investigador **formula hipóteses** e procede com as observações exigidas para **verificar** se as informações realmente correspondem a hipótese = **VERIFICAÇÃO EMPÍRICA**, esta que pode revelar **fatos inesperados**, o que sugere uma **segunda função**:

*“[...] interpretar estes fatos [...] para que [...] o investigador esteja em condições de **sugerir aperfeiçoamentos** do seu modelo de análise ou de propor **pistas de reflexão e de investigação** para o futuro.”*

(QUIVY E CAMPENHOUDT, 1992, p 222)

6ª etapa

A análise das informações

1. UM EXEMPLO: O FENÔMENO RELIGIOSO

HIPÓTESE: os jovens são menos religiosos que os idosos.

PRINCÍPIO: Trabalhar por componentes que **sintetizem as informações.**

OBJETIVO: Comparar globalmente seu **grau de crença.**

CAMINHO INVERSO: Das **PERGUNTAS** ao **CONCEITO.**

| Indicadores da dimensão ideológica | Jovens | | Idosos | |
|------------------------------------|--------|-----|--------|-----|
| | sim | não | sim | não |
| 1. Crença em Deus | 72% | 28% | 79% | 21% |
| 2. Crença no diabo..... | 14% | 86% | 25% | 75% |
| 3. Crença na alma | 45% | 55% | 59% | 41% |
| ... | | | | |
| 10. Crença na reencarnação | 13% | 87% | 14% | 86% |

FIGURA 03: Indicadores da dimensão ideológica.

QUADRO COMPARATIVO: Obter um índice através das informações e calcular a média entre jovens e idosos... **PORÉM:**

6ª etapa

A análise das informações

1. UM EXEMPLO: O FENÔMENO RELIGIOSO

PROBLEMA 01: Existem outras dimensões do fenômeno religioso.

Apenas diferenciar os índices seria suficiente para concluir que os jovens são menos crentes que os idosos?

| Crença em Deus | Amostra 1 | | | | Amostra 2 | | | |
|------------------|-----------|------|--------|--------|-----------|------|--------|--------|
| | jovens | | idosos | | jovens | | idosos | |
| | N | % | N | % | N | % | N | % |
| Sim | 288 | (72) | 274 | (78,3) | 108 | (72) | 59 | (78,7) |
| Não | 112 | (28) | 76 | (21,7) | 42 | (28) | 16 | (21,3) |
| Total (N = 100%) | 400 | | 350 | | 150 | | 75 | |

$\chi = 3,92 \quad p < 0,05 \quad \chi = 1,16 \quad p < 0,30$

FIGURA 04: Crença em Deus.

QUADRO COMPARATIVO: Apesar de porcentagens semelhantes, não se pode concluir (amostra 2) que os jovens sejam menos crentes que os idosos dado que a diferença não é estatisticamente significativa.

6ª etapa

A análise das informações

1. UM EXEMPLO: O FENÔMENO RELIGIOSO

PROBLEMA 02: Existem outras variáveis.

Será que ao fato de ser jovem ou idoso que se deve atribuir esta diferença de crenças? Estes números não esconderão outros fatos ou relações mais pertinentes?

VARIÁVEL TESTE de RAYMOND BOUDON¹:
Ao inserir a **variável trabalho** ao grupo das mulheres, verifica-se igualdade de resultados se comparado aos homens.

| Crença em Deus | Homens | | | | Mulheres | | | |
|------------------|-------------|------|---------|------|-------------|------|---------|------|
| | não activos | | activos | | não activas | | activas | |
| | N | % | N | % | N | % | N | % |
| Sim | 397 | (72) | 488 | (73) | 348 | (86) | 140 | (75) |
| Não | 154 | (28) | 104 | (18) | 57 | (14) | 47 | (25) |
| Total (N = 100%) | 551 | | 592 | | 405 | | 187 | |

FIGURA 05: Crença em Deus.

QUADRO COMPARATIVO: Sem a **variável-teste** a hipótese seria **provada de maneira incorreta**, já que a crença em Deus parece **não ser relativa ao gênero**, mas à **ocupação profissional**.

¹: Socialista francês. * 27/01/1934 + 10 /04/2013

6ª etapa

A análise das informações

2. AS 3 OPERAÇÕES DA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

2.1. A PREPARAÇÃO DOS DADOS: DESCRIVER E AGREGAR

Visa:

- ➡ Exprimir informações para examinar suas relações;
- ➡ Pôr em evidência as características da distribuição da variável;
- ➡ Agrupar dados.

2.2. A ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS

Trata-se de:

- ➡ Analisar os conceitos e ligações aplicados nas hipóteses;
- ➡ Utilizar métodos de análise e procedimentos técnicos específicos;
- ➡ Revelar a independência ou relações entre as variáveis e suas combinações.

6ª etapa

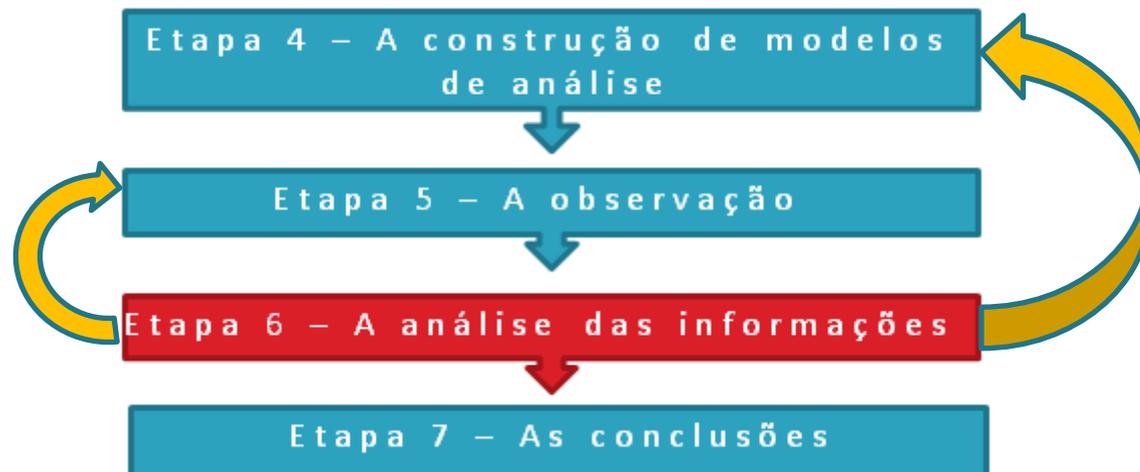
A análise das informações

2. AS 3 OPERAÇÕES DA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

2.3. A COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS OBSERVADOS COM OS RESULTADOS ESPERADOS E A INTERPRETAÇÃO DAS DIFERENÇAS

Visa:

- ➡ Buscar a **origem das diferenças** entre os resultados ;
- ➡ Criação de uma **tipologia** em função do modelo de análise escolhido, que servirá para **classificar e interpretar as observações**;
- ➡ Interação entre **ANÁLISE, HIPÓTESE E OBSERVAÇÃO**:



6ª etapa

A análise das informações

3. PANORAMA DOS PRINCIPAIS MÉTODOS DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

A maior parte dos métodos de análise das informações dependem de uma de duas grandes categorias:

ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

ANÁLISE DE CONTEÚDOS

3.1 Análise Estatística dos Dados

a) **Apresentação**

Atualmente, a utilização dos computadores transformou profundamente a análise dos dados. A possibilidade de manipular rapidamente quantidades consideráveis de dados encorajou a afinação de novos processos estatísticos, como a análise fatorial de correspondências, que permite visualizar e estudar a ligação entre várias dezenas de variáveis ao mesmo tempo.

6ª etapa

A análise das informações

3. PANORAMA DOS PRINCIPAIS MÉTODOS DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

3.1 Análise Estatística dos Dados

- Apresentar os mesmos dados sob diversas formas favorece incontestavelmente a qualidade das interpretações;
- a estatística descritiva e a expressão gráfica dos dados são muito mais do que simples métodos de exposição dos resultados;
- apresentação diversificada dos dados não pode substituir a reflexão teórica prévia;

Por outro lado, nem por isso os investigadores renunciam à utilização de algumas técnicas mais antigas, como a das tabelas cruzadas. Estas últimas são frequentemente mal interpretadas ou pouco exploradas, apesar, ou talvez por causa, da sua aparente simplicidade.

A análise das informações

3.1 Análise Estatística dos Dados

b) Variantes

- Quando os dados a analisar preexistem à investigação e são reunidos através da recolha de **dados documentais**, fala-se geralmente de **análise secundária**. Neste caso, o investigador está mais ou menos limitado nas suas análises pelo problema da compatibilidade dos dados entre si e com o campo de fenómenos que deseja estudar.
- Quando os dados a analisar foram especialmente recolhidos para responder às necessidades da **investigação graças a um inquérito por questionário**, fala-se normalmente de **tratamento de inquérito**. Neste caso, as análises são geralmente mais aprofundadas, visto que os dados são, em princípio, mais completos e perfeitamente padronizadas à partida.
- Os métodos de análise estatística dos dados são igualmente utilizados para o exame de **documentos com forma textual**. Trata-se então de um método de **análise de conteúdo**.

A análise das informações

3.1 Análise Estatística dos Dados

c) **Objetivos para os quais o método é particularmente adequados**

- **É adequado, por definição, a todas as investigações orientadas para o estudo das correlações entre fenômenos susceptíveis de serem exprimidos por variáveis quantitativas.** Por conseguinte, estes métodos estão geralmente muito bem adequados a investigações conduzidas numa perspectiva de análise causal.

Exemplo: No quadro de um esquema de inteligibilidade sistêmica, uma correlação entre duas variáveis não será interpretada como uma relação de causalidade, mas como uma covariação entre componentes de um mesmo sistema que evoluem conjuntamente.

- **A análise estatística dos dados impõe-se em todos os casos em que estes últimos são recolhidos por meio de um inquérito por questionário.** É então necessário reportar-se aos objetivos para os quais é adequado este método de recolha dos dados.

6ª etapa

A análise das informações

3.1 Análise Estatística dos Dados

d) Principais vantagens

- A precisão e o rigor do dispositivo metodológico, que permite satisfazer o critério de intersubjetividade;
- A capacidade dos meios informáticos, que permitem manipular muito rapidamente um grande número de variáveis;
- A clareza dos resultados e dos relatórios de investigação, nomeadamente quando o investigador aproveita os recursos da apresentação gráfica das informações.

e) Limites e problemas

- **Nem todos os fatos que são quantitativamente mensuráveis.**
- **O instrumento estatístico tem um poder de elucidação limitado aos postulados e às hipóteses metodológicas sobre que se baseia, mas não dispõe, em si mesmo, de um poder explicativo.** Pode descrever relações, estruturas latentes, mas o significado dessas relações e dessas estruturas não deriva dele. É o investigador que atribui um sentido a estas relações, através do modelo teórico que constituiu previamente e em função do qual escolheu um método de análise estatística.

6ª etapa

A análise das informações

3.1 Análise Estatística dos Dados

f) Métodos Complementares

A montante: o inquérito por questionário e a recolha de dados estatísticos existentes.

g) Formação Exigida

- Boas noções de base em estatística descritiva .
- Boas noções de base em análise fatorial e em análise multivariada.
- Iniciação aos programas informáticos de gestão e de análise de dados de inquéritos.

6ª etapa

A análise das informações

3. PANORAMA DOS PRINCIPAIS MÉTODOS DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

3.2 A Análise de Conteúdo

a) **Apresentação**

- A análise de conteúdo incide sobre mensagens tão variadas como: obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais, programas audiovisuais, declarações políticas, atas de reuniões ou relatórios de entrevistas.

-A escolha dos termos utilizados pelo locutor, a sua frequência e o seu modo de disposição, a construção do «discurso» e o seu desenvolvimento são fontes de informações a partir das quais o investigador tenta construir um conhecimento.

- **Este pode incidir sobre o próprio locutor** (por exemplo, a ideologia de um jornal, as representações de uma pessoa ou as lógicas de funcionamento de uma associação cujos documentos internos estivéssemos a estudar) **ou sobre as condições sociais em que este discurso é produzido** (por exemplo, um modo de socialização ou uma experiência conflituosa).

6ª etapa

A análise das informações

3.2 A Análise de Conteúdo

b) Principais Variantes

Agrupam-se correntemente os diferentes métodos de análise de conteúdo em duas categorias: **os métodos quantitativos** e **os métodos qualitativos**.

- **Métodos Quantitativos**, seriam **extensivos** (análise de um grande número de informações sumárias) e teriam como informação de base a frequência do aparecimento de certas características de conteúdo ou de correlação entre elas.

- **Métodos qualitativos**, seriam **intensivos** (análise de um pequeno número de informações complexas e pormenorizadas) e teriam como informação de base a presença ou a ausência de uma característica ou o modo segundo o qual os elementos do «discurso» estão articulados uns com os outros.

A análise das informações

3.2 A Análise de Conteúdo

b) Principais Variantes (Análises Temáticas)

São as que tentam principalmente revelar as representações sociais ou os juízos dos locutores a partir de um exame de certos elementos constitutivos do discurso. Entre estes métodos podemos nomeadamente distinguir:

- **A análise categorial:** a mais antiga e a mais corrente. Consiste em calcular e comparar as frequências de certas características (na maior parte das vezes, os temas evocados) previamente agrupadas em categorias significativas. Baseia-se na hipótese segundo a qual uma característica é tanto mais frequentemente citada quanto mais importante é para o locutor. O procedimento é essencialmente quantitativo;
- **A análise da avaliação:** incide sobre os juízos formulados pelo locutor. É calculada a frequência dos diferentes juízos (ou avaliações), mas também a sua direção (juízo positivo ou negativo) e a sua intensidade.

A análise das informações

3.2 A Análise de Conteúdo

b) Principais Variantes (Análises Formais)

São as que incidem principalmente sobre as formas e encadeamento do discurso. De entre estes métodos podemos nomeadamente distinguir:

- **A análise da expressão:** incide sobre a forma da comunicação, cujas características (vocabulário, tamanho das frases, ordem das palavras, hesitações ...) facultam uma informação sobre o estado de espírito do locutor e suas tendências ideológicas;
- **A análise da enunciação:** incide sobre o discurso concebido como um processo cuja dinâmica própria é, em si mesma, reveladora. O investigador está então atento a dados como o desenvolvimento geral do discurso, a ordem das suas sequências, as repetições, as quebras do ritmo, etc.

A análise das informações

3.2 A Análise de Conteúdo

b) Principais Variantes (Análises Estruturais)

São as que põem a tônica sobre a maneira como os elementos da mensagem estão dispostos. Tentam revelar aspectos subjacentes e implícitos da mensagem. Podemos nomeadamente distinguir:

- **A análise de co-ocorrência:** examina as associações de temas nas sequências da comunicação. Parte-se do princípio de que as co-ocorrências entre temas informam o investigador acerca de estruturas mentais e ideológicas ou acerca de preocupações latentes;
- **A análise estrutural propriamente dita:** cujo objetivo é revelar os princípios que organizam os elementos do discurso, independentemente do próprio conteúdo destes elementos.

A análise das informações

3.2 A Análise de Conteúdo

c) **Objetivos para os quais o método é particularmente adequados**

Nas suas diferentes modalidades, a análise de conteúdo tem um campo de aplicação muito vasto. Pode incidir sobre comunicações de formas muito diversas (textos literários, programas televisivos ou radiofônicos, filmes, relatórios de entrevistas, mensagens não verbais, conjuntos decorativos, etc.). Ao nível dos objetivos de investigação, pode ser nomeadamente utilizada para:

- Análise das ideologias, dos sistemas de valores, das representações e das aspirações, bem como da sua transformação;
- O exame da lógica de funcionamento das organizações, graças aos documentos que elas produzem;
- O estudo das produções culturais e artísticas;

A análise das informações

3.2 A Análise de Conteúdo

c) **Objetivos para os quais o método é particularmente adequados**

Nas suas diferentes modalidades, a análise de conteúdo tem um campo de aplicação muito vasto. Pode incidir sobre comunicações de formas muito diversas (textos literários, programas televisivos ou radiofônicos, filmes, relatórios de entrevistas, mensagens não verbais, conjuntos decorativos, etc.). Ao nível dos objetivos de investigação, pode ser nomeadamente utilizada para:

- A análise dos processos de difusão e de socialização (manuais escolares, jornais, publicidade ...);
- A análise de estratégias, do que está em jogo num conflito, das componentes de uma situação problemática, das interpretações de um acontecimento, das reações latentes a uma decisão, do impacto de uma medida ... ;
- A reconstituição de realidades passadas. não materiais: mentalidades, sensibilidades ...

A análise das informações

3.2 A Análise de Conteúdo

d) Principais vantagens

- Todos os métodos de análise de conteúdo são adequados ao estudo do não dito, do implícito.
- Obrigam o investigador a manter uma grande distância em relação a interpretações espontâneas e, em particular, às suas próprias.
- Uma vez que têm como objeto uma comunicação reproduzida num suporte material (geralmente um documento escrito), permitem um controle posterior do trabalho de investigação.
- São construídos de uma forma muito metódica e sistemática sem que isso prejudique a profundidade do trabalho e a criatividade do investigador.

A análise das informações

3.2 A Análise de Conteúdo

e) Limites e problemas

As diferentes variantes não são de modo algum equivalentes e não são, portanto, intermutáveis. Na escolha de uma delas devemos estar particularmente atentos aos seguintes pontos:

- **Alguns métodos de análise de conteúdo baseiam-se em pressupostos, no mínimo, simplistas;**
 - **Alguns métodos, como a análise avaliativa, são muito pesados e laboriosos;**
 - **Se a análise de conteúdo, globalmente considerada, oferece um campo de aplicação extremamente vasto, o mesmo não acontece com cada um dos métodos particulares, alguns dos quais têm, pelo contrário, um campo de aplicação muito reduzido.**
- não existe um, mas vários métodos de análise de conteúdo.**

6ª etapa

A análise das informações

3.2 A Análise de Conteúdo

f) Métodos Complementares

Os métodos complementares são métodos de recolha de dados qualitativos e, portanto, situam-se normalmente a montante da análise de conteúdo, que incidirá sobre as informações reunidas. Os mais frequentemente associados à análise de conteúdo são:

- **Sobretudo:** as entrevistas semi-diretivas, cujos elementos de informação se prestam particularmente bem a um tratamento através da análise da enunciação (que desmontará a sua dinâmica) e da análise estrutural;
- A recolha de documentos sobre os quais a análise de conteúdo irá se basear;
- **Mais raramente:** os inquéritos por questionário para o tratamento das perguntas abertas.

g) Formação Exigida

- **Para os métodos com um carácter quantitativo mais ou menos pronunciado:** formação de base em estatística descritiva, em análise fatorial e, eventualmente, em linguística, quando é necessário fornecer ao computador diretivas muito precisas de classificação e de discriminação.
- **Para os métodos de carácter qualitativo:** a maior parte das vezes é indispensável uma boa formação teórica.

A análise das informações

3.3 Limites e Complementariedade dos Métodos Específicos: O Exemplo da *Field Research*

- nenhum dispositivo metodológico pode ser aplicado de forma mecânica. O rigor no controle epistemológico do trabalho não pode ser confundido com rigidez na aplicação dos métodos;
- não existe um método ideal que seja, em si mesmo, superior a todos os outros. Cada um pode prestar os serviços esperados, na condição de ter sido sensatamente escolhido, de ser aplicado sem rigidez e de o investigador ser capaz de medir os seus limites e a sua validade;
- o dispositivo metodológico mais sofisticado será inútil se o investigador o aplicar sem discernimento crítico ou sem saber claramente o que procura compreender melhor;
- um trabalho empírico perfeitamente conduzido ao nível estritamente técnico pode perfeitamente contribuir para reforçar o crédito de banalidades admitidas se não for inspirado por uma reflexão teórica adequada para revelar elementos de compreensão que se afastam das evidências comuns;
- os dados sobre que os investigadores trabalham não são realidades em bruto. Só ganham existência através do esforço teórico que os constrói enquanto representações idealizadas de objetos reais (um nível de rendimentos, uma categoria de idade ou um modo de direção, por exemplo), **o inverso não é verdadeiro**: os dados não constroem as teorias;

A análise das informações

3.3 Limites e Complementariedade dos Métodos Específicos: O Exemplo da *Field Research*

- o trabalho empírico só pode ter valor se a reflexão teórica que o funda também o tiver;
- a construção teórica e o trabalho empírico não se seguem forçosamente na ordem cronológica e sequencial, em particular na observação etnológica.
- é evidente que o processo de investigação não consiste em aplicar um conjunto de receitas precisas, numa ordem predeterminada, mas sim em inventar, em pôr em prática e controlar um dispositivo original que beneficie da experiência anterior dos investigadores e responda a determinadas exigências de elaboração, sendo que tal procedimento só pode aprender-se com a prática;
- o rigor não incide primordialmente sobre os pormenores da aplicação de cada procedimento utilizado, mas sim sobre a coerência de conjunto do processo de investigação e o modo como ele realiza exigências epistemológicas bem compreendidas;
- **é errado acreditar** que as investigações mais rigorosas são as que recorrem a métodos muito formalizados, tal como é falso pensar que um investigador só pode ser rigoroso em detrimento da sua imaginação.

6ª etapa

A análise das informações

3.3 Limites e Complementariedade dos Métodos Específicos: O Exemplo da *Field Research*

Um bom exemplo de recurso frutuoso à imaginação do investigador, da necessária coerência do conjunto do procedimento de investigação e da complementariedade dos métodos é a *field research* (ou estudo no terreno), que consiste em estudar as situações concretas no seu contexto real.

- A *field research* emprega uma pluralidade de métodos;
- Combina geralmente a observação participante, as entrevistas semi-diretivas e a análise secundária.
- É no decurso da própria investigação que o investigador decide recorrer a um ou outro destes métodos, uma vez que não está estabelecido à partida qualquer protocolo definitivo de investigação;
- É um procedimento não linear.

Utilizada por antropólogos e sociólogos. Inicialmente aplicada ao estudo das sociedades primitivas remotas, a *field research* é atualmente conciliável com diversos campos de investigação em ciências sociais, nomeadamente a sociologia do trabalho, da saúde ou da educação. Debruça-se sobre grupos específicos, cujos comportamentos e interações tenta captar.

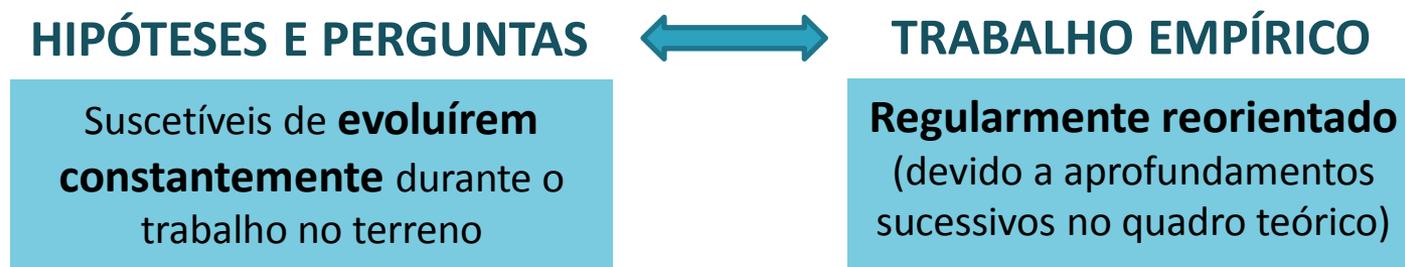
6ª etapa

A análise das informações

3. PANORAMA DOS PRINCIPAIS MÉTODOS DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

3.4 UM CENÁRIO DE INVESTIGAÇÃO NÃO LINEAR

- Assim como a *field research* (pesquisa de campo), alguns estudos **não apresentam o encadeamento** de etapas apresentado



Processo de **diálogo** e de **vaivéns** permanentes **entre teoria e empirismo, construção e intuição**

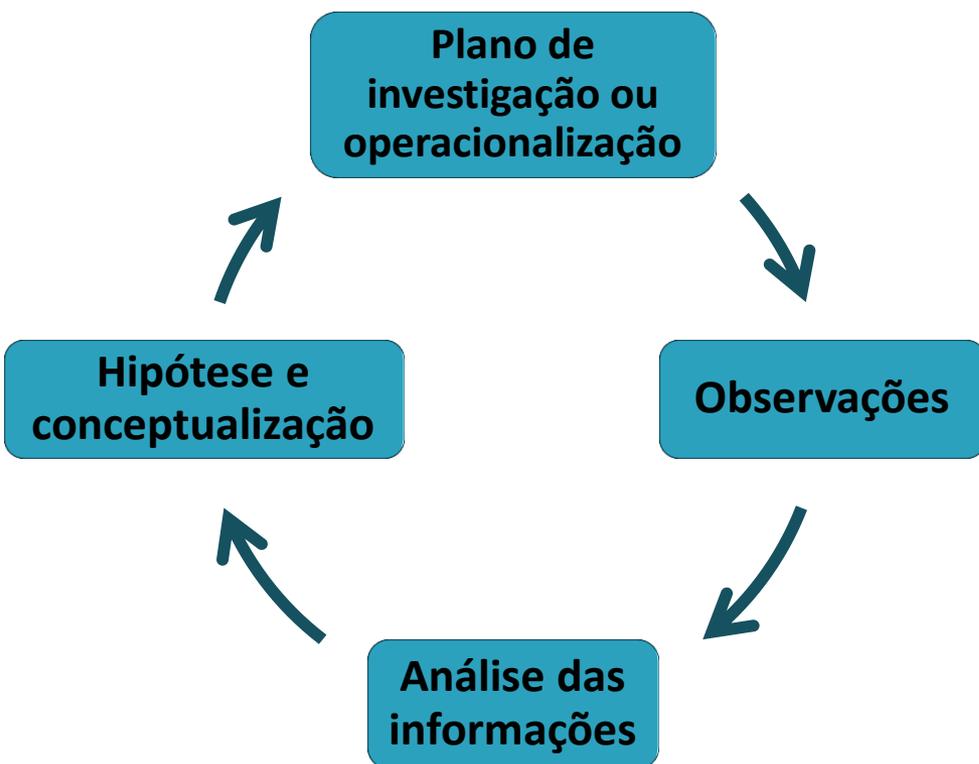
- “Apesar de dotado de circuitos de retroação, **o esquema linear das etapas da investigação representa mal esse processo**, que poderia assumir uma forma circular” (QUIVY E CAMPENHOUDT, 1992, p 236)

6ª etapa

A análise das informações

3. PANORAMA DOS PRINCIPAIS MÉTODOS DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

3.4 UM CENÁRIO DE INVESTIGAÇÃO NÃO LINEAR



OS 3 ATOS DO PROCEDIMENTO CIENTÍFICO:

RUPTURA, CONSTRUÇÃO E VERIFICAÇÃO

DEVEM SER RESPEITADOS E REALIZADOS COM RIGOR

(maior quando o dispositivo metodológico é mais diversificado e flexível)

6ª etapa

A análise das informações

3. PANORAMA DOS PRINCIPAIS MÉTODOS DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

3.5 EXEMPLOS DE INVESTIGAÇÕES QUE APLICAM OS MÉTODOS APRESENTADOS

- BECKER, H. S. (reed. 1985) (1963), *Outsiders. Études de sociologie de la déviance*, Paris. Field research.
- BERNSTEIN, B. (1975). *Langage et classes sociales. Codes sociolinguistiques et contrôle social*, Paris.
Análise quantitativa de conteúdo.
- BOURDIEU, P. (1979). *La distinction. Critique sociale du jugement*, Paris.
Análise estatística de dados.
- BOURDIEU, P. (1993). *La misère du monde*, Paris.
Entrevista semidirectiva.
- CASTELLS, M. (1963). *La question urbaine*, Paris.
Recolha de dados existentes, análise estatística de dados, análise secundária.
- CROZIER, M. (1963). *Le phénomène bureaucratique*, Paris.
Entrevista semidirectiva, observação participante, análise estatística de dados, análise secundária.

6ª etapa

A análise das informações

3. PANORAMA DOS PRINCIPAIS MÉTODOS DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

3.5 EXEMPLOS DE INVESTIGAÇÕES QUE APLICAM OS MÉTODOS APRESENTADOS

- DURKHEIM, E. (reed. 1983) (1930). **Le suicide**, Paris.
Análise estatística de dados secundários.
- GOFFMAN, E. (reed. 1968) (1961). **Asiles. Études sur la condition sociale des malades mentaux**, Paris.
Observação participante.
- LEVI-STRAUSS, Cl. (1964). **Le cru et le cuit**, Paris.
Análise estrutural de conteúdo.
- LIÉNARD, G e SERVAIS, E. (1978). **Capital culturel et inégalités sociales. Morales de classes et destinées sociales**, Bruxelas.
Observação direta não participante, inquérito por questionário.
- MODEN, J., e SLOOVER J. (1980). **Le patronat belge. Discours et idéologie**, Bruxelas.
Entrevista, análise de conteúdo.
- MORIN, E. (1969). **La rumeur d'Orléans**, Paris.
Observação e entrevista semidirectiva.

6ª etapa

A análise das informações

3. PANORAMA DOS PRINCIPAIS MÉTODOS DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

3.5 EXEMPLOS DE INVESTIGAÇÕES QUE APLICAM OS MÉTODOS APRESENTADOS

RESUMO DA 6ª ETAPA: ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

→ Trata a **informação** obtida pela **observação** para poder **comparar resultados observados com os esperados** a partir da hipótese

→ Compreende 3 operações (análise de dados quantitativos):

1) Descrever os dados

(apresentá-los na forma exigida pelas variáveis implicadas nas hipóteses e apresentá-los evidenciando as características das variáveis)

2) **Medir as relações entre as variáveis** (conforme previstas pelas hipóteses)

3) **Comparar as relações observadas com as relações teoricamente esperadas a partir da hipótese. Medir a diferença entre as duas.** (se for nula ou fraca conclui-se que a hipótese é confirmada, caso contrário é necessário descobrir o porque e tirar conclusões disso.)

→ Principais métodos de análise das informações: **análise estatística de dados e análise de conteúdo.**

Field research: exemplo de aplicação contemporânea de diferentes métodos de observação e de análise das informações.

6ª etapa

A análise das informações

3. PANORAMA DOS PRINCIPAIS MÉTODOS DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

3.5 EXEMPLOS DE INVESTIGAÇÕES QUE APLICAM OS MÉTODOS APRESENTADOS

TRABALHO DE APLICAÇÃO No. 12: ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

→ Dar orientações precisas para um trabalho pessoal.

→ 5 perguntas para ajudar a progredir:

- 1) Quais são as variáveis implicadas pelas hipóteses?
- 2) Quais são as informações que correspondem às variáveis, ou que devem ser agregadas para poderem descrever as variáveis?
- 3) A distribuição das variáveis é normal, conforme às hipóteses?
- 4) Como representar os dados de forma a evidenciar claramente as suas características principais?
- 5) Com que tipo de variáveis deve trabalhar-se (nominal, ordinal ou contínua) e quais são as técnicas de análise compatíveis com estes dados?

7ª etapa

As conclusões

OBJETIVOS

UMA DAS PARTES QUE COSTUMA SER LIDA PRIMEIRO



- Dá ao leitor uma ideia do interesse que a investigação tem para si.
- Leva o leitor a decidir se quer ou não ler o trabalho inteiro ou algumas de suas partes .



Importante redigir a conclusão com cuidado e colocar nela as informações úteis aos potenciais leitores.

COMPREENDE 3 PARTES:

- 1) Retrospectiva das grandes linhas do procedimento que foi seguido,
- 2) Apresentação dos contributos para o conhecimento originados pelo trabalho,
- 3) Considerações de ordem prática.

As conclusões

1. RETROSPECTIVA DAS GRANDES LINHAS DO CONHECIMENTO

DEVE INCLUIR:

- Apresentação da **pergunta de partida** (última formulação),
- Apresentação das **características principais** do modelo de análise e das **hipóteses de pesquisa**,
- Apresentação do **campo de observação, dos métodos utilizados e das observações efetuadas**,
- Comparação entre os **resultados hipoteticamente esperados e os observados**. Retrospectiva das principais **interpretações das suas diferenças**.

7ª etapa

As conclusões

2. NOVOS CONTRIBUTOS PARA O CONHECIMENTO

2.1 NOVOS CONHECIMENTOS RELATIVOS AO OBJETO DE ANÁLISE

- Incidem sobre o **fenômeno estudado** enquanto tal. Ex: o suicídio, o insucesso escolar...
- Trata de mostrar no que a investigação **permitiu conhecer melhor** este objeto.
- Os **novos contributos** têm dupla natureza:

JUNTAM-SE AOS CONHECIMENTOS ANTERIORES REFERENTES AO OBJETO DE ANÁLISE



MATIZAM, CORRIGEM E AS VEZES COLOCAM EM QUESTÃO OS CONHECIMENTOS ANTERIORES

Ex.: **Contributo de Durkheim para o suicídio**. Além de fornecer conhecimentos suplementares, põe em questão a concepção do suicídio enquanto fenômeno individual.

- Podem pôr-se em evidência ao responder:
O que sei **a mais** sobre o objeto de análise? O que sei **de novo** sobre este objeto?

7ª etapa

As conclusões

2. NOVOS CONTRIBUTOS PARA O CONHECIMENTO

2.2 NOVOS CONHECIMENTOS TEÓRICOS

Para aprofundar o seu conhecimento de um **domínio concreto** da vida social o:



Ao longo do trabalho:



“A possibilidade de uma investigação social conduzir a **novos conhecimentos teóricos** está, é claro, ligada à **formação teórica e à experiência do investigador.**”

(QUIVY E CAMPENHOUDT, 1992, p 245)

7ª etapa

As conclusões

2. NOVOS CONTRIBUTOS PARA O CONHECIMENTO

2.2 NOVOS CONHECIMENTOS TEÓRICOS

- O investigador pode fazer **progredir sua capacidade de análise** avaliando a posteriori seu **próprio trabalho**.
- A avaliação toma **2 direções**:

1ª) Incide sobre a pertinência da problemática:

- Permitiu esta revelar facetas pouco conhecidas do fenômeno estudado?
- Tornou possível fornecer novos conhecimentos empíricos do tipo corretivos?
- Não encaminhou o trabalho à proposições e análises banais, repetitivas?

2ª) Incide sobre a sua operacionalização:

- O modelo foi construído com suficiente coerência, conduzindo as análises de forma clara e ordenada?
- As hipóteses, conceitos e indicadores eram precisos?

7ª etapa

As conclusões

3. PERSPECTIVAS PRÁTICAS

NECESSÁRIO QUE O INVESTIGADOR ESPECIFIQUE BEM AS LIGAÇÕES ENTRE:
PERSPECTIVAS PRÁTICAS E ELEMENTOS DE ANÁLISE .

São **consequências práticas** implicadas por determinados **elementos de análise**?

SE SIM: Quais esses elementos e em que a implicação é indiscutível?

- Não podemos ir além do que a **investigação sugere** sem indicar claramente a **mudança de registro**.
- **Muitos investigadores:** esperam **resultados práticos muito claros** (guias seguros para as decisões e ações) → Isso só é possível em estudos muito técnicos (ex: estudo de mercado), normalmente a relação entre **investigação X ação** não é imediata.

3. PERSPECTIVAS PRÁTICAS

“Em poucas décadas os sociólogos modificaram consideravelmente a maneira de estudar muitas questões, como o sistema escolar [...] foram muito poucas as investigações sobre essas questões que tiveram impacto direto ou visível [...] Contudo, esse trabalho não deixou por isso de contribuir amplamente para enriquecer os debates atuais sobre a escola e para modificar profundamente a visão que os responsáveis e os docentes tinham do problema e das suas funções e, por conseguinte, de transformar, direta ou indiretamente, os quadros institucionais e as próprias práticas.

Consequentemente, não há investigador capaz de influenciar duradoura e profundamente as práticas sociais que não se imponha um incessante trabalho de auto formação teórica.”

(QUIVY E CAMPENHOUDT, 1992, p 247)

OBJETIVOS

Escolher um exemplo para ilustrar um procedimento.

- O Exemplo escolhido é uma aplicação imperfeita do método (se aprende mais com situações «problemáticas», que, na realidade, são o pão-nosso de cada dia dos investigadores)
- Este exemplo não é o de uma investigação realizada por um investigador experimentado, mas sim o de um estudo levado a cabo com estudantes do 1º ano da faculdade.
- O estudo ilustra bem o encadeamento das operações do procedimento e a interdependência que existe entre essas operações. Porém, apresenta alguns defeitos que permitirão chamar a atenção do leitor para as consequências dessas deficiências, muito frequentes nos principiantes.

1. A PERGUNTA DE PARTIDA

O estudo: As causas do absentismo dos estudantes do 1º ano na universidade.

Surgiu de debates entre docentes

Hipótese da maioria

Punham inconscientemente a hipótese de o absentismo assentar inteiramente na falta de vontade ou de maturidade dos estudantes.

Hipótese de uma pequena minoria

Sugeriui, no entanto, que a responsabilidade do absentismo não devia necessariamente ser imputada por inteiro aos estudantes; seria igualmente possível pelas características do ensino e do funcionamento da instituição universitária.

Mais tarde a pergunta foi posta aos estudantes.

Primeira
formulação dos
estudantes

Exatamente inversa à dos docentes. Aos olhos dos estudantes o seu absentismo estava ligado às qualidades do docente.

Na sua forma provisória, a pergunta de partida foi formulada de uma forma muito aberta e pouco tendenciosa:

Quais são as causas do absentismo dos estudantes do 1º ano na universidade?

2. A EXPLORAÇÃO

2.1 AS LEITURAS

Equipe: 12 estudantes
Tempo: 2 semanas

A busca de bibliografia sobre a pergunta de partida fixada foi orientada para os temas «estudante» e «absentismo».

As obras e artigos descobertos sobre o tema:

ESTUDANTE

Dois documentos chamaram a atenção:

- O primeiro era um trabalho de fim de curso sobre o projeto dos estudantes do 1º ano de ciências econômicas e sociais. Este trabalho mostrava que, de uma maneira geral, estes estudantes não tinham um projeto profissional bem preciso, que a sua formação era uma preocupação secundária e que o único projeto que mobilizava a sua energia era o de ter êxito no exame de Junho.
- O segundo era uma análise de Pierre Bourdieu que descrevia a vida universitária como um jogo: «O jogo do faz-de-conta.»

2. A EXPLORAÇÃO

2.1 AS LEITURAS

As obras e artigos descobertos sobre o tema:

ABSENTISMO

Não se encontrou nada acerca dos estudantes, incidindo toda a literatura consultada sobre o absentismo ao trabalho. No entanto, estes textos permitiam, raciocinando por analogia, encontrar interessantes pistas de reflexão.

Com efeito, o trabalhador de uma empresa e o estudante de um curso são ambos artesãos de uma produção - diferente, é certo - que resulta de uma atividade submetida às regras e às restrições de uma organização

O absentismo é geralmente considerado uma das reações mais clássicas dos trabalhadores a um modo de organização, a objetivos e restrições que lhes são tanto mais penosos quanto mais lhes são impostos do exterior e quanto menos o seu interesse é percebido pelos trabalhadores

2. A EXPLORAÇÃO

2.1 AS ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS

Enquanto um grupo de estudantes se ocupava das leituras, outros lançavam-se em entrevistas exploratórias. As duas perguntas que orientavam a entrevista as seguintes:

1. A que aula assiste regularmente? Por que razões?
2. A que aula falta frequentemente? Por que razões?

Respostas obtidas: Razões para ir (ou não) às aulas e informações gerais e complementares.

Por que assistir às aulas?

- Para completar a sebenta.
- Os apontamentos complementares são indispensáveis para conseguir passar.
- É indispensável para compreender a matéria.
- É mais fácil para estudar depois.
- Aquilo que aprendo nas aulas não o aprenderia por mim próprio.
- O professor explica melhor do que uma folha de papel.
- Por interesse pessoal.
- O professor é interessante.
- Por princípio.
- Porque há controle indireto das presenças.

2. A EXPLORAÇÃO

2.1 AS ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS

Por que faltar às aulas?

- Porque a sebenta está completa.
- Porque o professor não acrescenta nada à sebenta; lê-a nas aulas
- Porque é possível estudar esta cadeira sozinho.
- Aulas demasiado teóricas, a sebenta é mais clara.
- Por causa do próprio professor.
- Porque a matéria não tem interesse.

É curioso observar que, entre as razões das faltas, os estudantes não referem as noites de dança e outras festividades que se prolongam até tarde e os mantêm na cama na manhã seguinte nem os testes ou «chamadas» cuja preparação pode obrigá-los a sacrificarem as aulas que precedem a prova.

Estes fatores são apontados apenas pelos professores, juntamente com o deixar andar, a despreocupação e a negligência dos estudantes.

2. A EXPLORAÇÃO

2.1 AS ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS

Informações gerais e complementares

- Alguns estudantes assistem a todas as aulas (excetuando casos pontuais). Razões invocadas: «por dever»; «porque é o meu trabalho»; «se se organizam aulas, é porque é útil»; «por princípio»; etc.
- Por oposição, há aqueles que já desistiram definitivamente e não assistem às aulas porque perceberam que se enganaram nas suas escolhas.
- Os que faltam referem-se frequentemente às apreciações dos mais velhos para justificarem o seu próprio juízo ou comportamento. As primeiras semanas do ano, durante as quais se desenrolam os «ritos de passagem», são muitas vezes propícias a este tipo de iniciação à vida da faculdade.
- Finalmente, as entrevistas mostraram que a presença e a ausência se inscrevem numa espécie de estratégia ou de cálculo da utilidade da presença para passar. Se o docente não controla as presenças, se a sebenta está completa e a matéria é fácil, não há, aos olhos dos estudantes, nenhuma razão importante para assistirem às aulas. É o que exprime claramente uma das opiniões citadas mais acima: «Porque é possível estudar esta cadeira sozinho.»

2. A EXPLORAÇÃO

2.1 AS ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS

Os estudantes encarregados da investigação foram convidados a responder à pergunta seguinte:

Como continuar?

Resposta espontânea:

Fazer um questionário que retome, sob a forma de perguntas, as diversas causas ou razões descobertas durante as entrevistas exploratórias

É, evidentemente, um erro. Fazer um questionário logo nesta fase é uma via que conduz, na maior parte dos casos, a um beco sem saída.

Ao procederem desta forma, desprezam o contributo do trabalho de leitura e saltam duas operações importantes do processo: a problemática e a construção.

3. A PROBLEMÁTICA

fazer o balanço das problemáticas possíveis a partir das leituras e das entrevistas



Escolher e explicitar a orientação ou a abordagem por meio da qual tentará responder-se à pergunta de partida.

3.1. FAZER O BALANÇO

Nas entrevistas exploratórias descobriram-se sinais de sujeição as normas da instituição (assistir às aulas por princípio ou por dever), mas também sinais que revelam que muitos estudantes calculam (bem ou mal) o interesse da sua presença nas aulas.

Estas segundas verificações levam a considerar os estudantes como atores que têm um projeto diferente do da instituição (a melhor formação possível) e que dispõem de autonomia suficiente para decidirem acerca da oportunidade da presença ou da falta às aulas.

3. A PROBLEMÁTICA

3.2. CONCEBER UMA PROBLEMÁTICA

Todo o ator-estudante envolvido na organização universitária dispõe de um cérebro e de uma margem de liberdade (estar presente ou ausente) que o tornam capaz de escolher a estratégia que lhe parece mais apta para servir o seu projeto de passagem de ano. Assim, é racional estar presente nas aulas quando essa presença condiciona a passagem, tal como é racional estar ausente das aulas se a presença não melhora em nada as probabilidades de passar no exame. Tal decisão é racional no sentido de que é baseada no cálculo das probabilidades de ganho (passar) em função dos trunfos (aptidões intelectuais), das regras do jogo (responder corretamente às perguntas de exame) e do interesse que está em jogo (passar para o 2º ano e continuar nessa via).

Ao engendrar a problemática, a pergunta de partida sofre uma mutação. As causas do absentismo tornam-se agora algo mais complexas do que aquilo a que temos por hábito chamar «causa». Com efeito, a causa dissolve-se no jogo entre «o ator e o sistema». Torna-se uma questão de racionalidade, cujos critérios são influenciados tanto pelas características individuais como pelas características do sistema ou pela percepção que cada um tem delas.

4. A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

O objetivo desta etapa consiste em tornar observável e refutável a ideia segundo a qual o comportamento do estudante seria racional tanto quando está presente nas aulas como quando está ausente.

4.1. MODELO E HIPÓTESE: OS CRITÉRIOS DE RACIONALIDADE

Relação (hipótese) entre o comportamento do estudante (presença ou ausência das aulas de uma cadeira) e as percepções que ele tem dessas aulas.

Modelo de racionalidade

Esta hipótese pode ser formulada da seguinte maneira:

«Quanto mais o estudante considera que as aulas tem características que tomam a sua presença útil, mais elevada é a taxa de presença, e vice-versa.»

Excetuando a obrigação constituída pelo controle das presenças, parecia serem tidos em consideração quatro critérios para decidir acerca da utilidade da presença nas aulas.

Muitos estudantes diziam estarem presentes quando a matéria era interessante, quando era complexa ou difícil de compreender, quando as sebatas eram insuficientes e quando o professor ajudava a perceber a matéria.

4. A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

4.2. OS INDICADORES

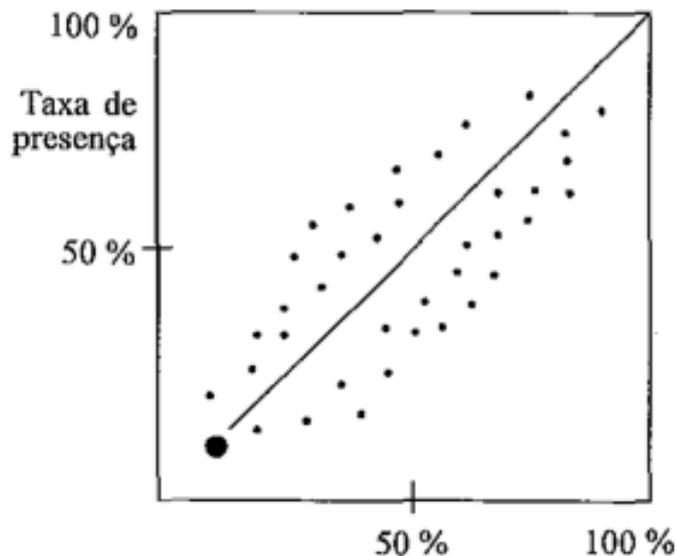
É necessário precisar os indicadores que permitirão registar os dados indispensáveis para confrontar o modelo com a realidade.

- Para o primeiro termo da hipótese, a taxa de presenças, o indicador é fácil de encontrar: a presença física dos estudantes é diretamente observável e quantificável.
- Quanto ao segundo termo da hipótese, isto é, as características das aulas e a percepção que delas tem os alunos, os indicadores não tem a propriedade de serem objetivamente detectáveis e mensuráveis. Neste caso, o que é observável são as palavras que exprimem a opinião e o que é «mensurável» é o conteúdo ou o sentido de um discurso.

4. A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

4.3. AS RELAÇÕES ENTRE CONSTRUÇÃO E VERIFICAÇÃO

Ao construir o modelo, designam-se os resultados esperados a partir da hipótese, isto é, os resultados que seria necessário obter para que o modelo e a sua hipótese fossem confirmados. Isto significa, concretamente, que os dados respeitantes à taxa de presença e às características da aula deveriam apresentar-se como na figura que se segue.



· FIGURA 06: Gráfico de hipótese.

Índice das razões para estar presente (características da aula)

Se a racionalidade dos estudantes correspondesse à que foi concebida no modelo, isso deveria manifestar-se por uma taxa de presença elevada para as cadeiras que acumulam as quatro razões para assistir às aulas (canto superior direito do gráfico) e por uma taxa de presença fraca para as cadeiras que não apresentam nenhuma destas razões (canto inferior esquerdo)

4. A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

4.4. A SELEÇÃO DAS UNIDADES DE OBSERVAÇÃO

Consiste em escolher as unidades sobre as quais vai proceder-se à observação, isto é, retirar as informações necessárias para submeter a hipótese ao teste dos factos (verificação).

Neste caso não foi confrontado este problema, dado que, foram interrogados o conjunto dos estudantes do 1º ano de faculdade.

5. A OBSERVAÇÃO

5.1 O INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO

FORMULÁRIO SIMPLES E RÁPIDO DE PREENCHER

| Código (seis números) | A sua impressão da cadeira (excluindo os exercícios) | | | | | A sua presença na aula (exercícios excluídos) | | | |
|---|--|---------------------|------------------------|----------------------------|--|---|-------------|-------------|--------|
| | Matéria interessante (I) | Matéria difícil (I) | Sebenta incompleta (I) | Professor interessante (I) | Há alguma forma de controle das presenças que o obrigue a assistir às aulas? | < 25 % | 26 % a 50 % | 51 % a 75 % | 75 % < |
| Aulas do 1.º semestre | | | | | | | | | |
| A B C D E F G H I J K | | | | | | | | | |
| Estudante repetente: SIM – NÃO | | | | | | | | | |

RESPOSTAS

- ⊕ opinião positiva
- ⊕⊕ opinião muito positiva
- ⊖ opinião negativa
- ⊖⊖ opinião muito negativa

Figura 07: Formulário.

5. A OBSERVAÇÃO

5.1 O INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO

FORMULÁRIO SIMPLES E RÁPIDO DE PREENCHER

DEFEITOS:

- 1) **A taxa de presença poderia ter sido mais precisa;**
| < 25%; 26 a 50%; 51 a 75%; 100% < |
- 2) **As características da cadeira são variáveis nominais e são do domínio da classificação em categorias. Normalmente não podem adicionar-se;**
| Mas foram adicionadas e este índice foi relacionado com a |
| taxa de presença para testar a hipótese da racionalidade do |
| estudante. |
- 3) **Relação das variáveis entre si;**
| Interdependência. |
- 4) **O peso respectivo dos indicadores.**
| Indicadores subjetivos; |
| Percepção das características das aulas; |
| Validade das respostas. |

5. A OBSERVAÇÃO

5.2 A RECOLHA DOS DADOS

| 1º semestre | 2º semestre |
|--|---------------------------|
| Teste obrigatório no início do 2º semestre | Final de um exame escrito |

Cômodo, porém a pressão psicológica de uma situação de exame e a presença de um professor não são fatos neutros.

6. A ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

6.1 A MEDIÇÃO

MEDIÇÃO ORDINAL  < 25%; 26 a 50%; 51 a 75%; 100% <

Perdeu-se precisão | Ganhou-se fiabilidade

6. A ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

6.2 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

| CADEIRA N.º 1 | | | | | | | | | | | | |
|--------------------------------|------------|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|--------------------------------------|----|
| Razões para estar presente | Estudantes | | | | | | | | | | Total das respostas (+) por critério | |
| | E1 | E2 | E3 | E4 | E5 | E6 | E7 | E8 | E9 | E10 | Número | % |
| Matéria interessante | + | + | + | + | - | - | + | - | + | + | 7/10 | 70 |
| Matéria difícil | + | - | + | - | + | + | - | + | - | - | 5/10 | 50 |
| Sebenta incompleta | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 0/10 | 0 |
| Professor é bom pedagogo | - | + | + | - | + | + | + | + | - | - | 6/10 | 60 |
| Total das razões por estudante | 2 | 2 | 3 | 1 | 2 | 2 | 2 | 2 | 1 | 1 | 18/40 | 45 |

Figura 08: Tabela de taxa média de presença por cadeira.

| CADEIRAS | TAXA DE PRESENÇA | ÍNDICE DE RAZÕES PARA ESTAR PRESENTE |
|----------|------------------|--------------------------------------|
| A | 84,2 | 77,6 |
| B | 84,7 | 76,2 |
| C | 33,9 | 30,0 |
| F | 35,4 | 34,5 |
| L | 98,7 | 50,8 |
| P | 93,1 | 53,9 |

excluiu-se estudantes racionais relativamente a valores (princípio ou dever) 13% do total

45% → razões para estar presente

6. A ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

6.3 A ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE A TAXA DE PRESENÇA E AS RAZÕES PARA IR ÀS AULAS

Quanto maior o índice de razões para ir à aula, mais elevada deve ser a taxa de presença.

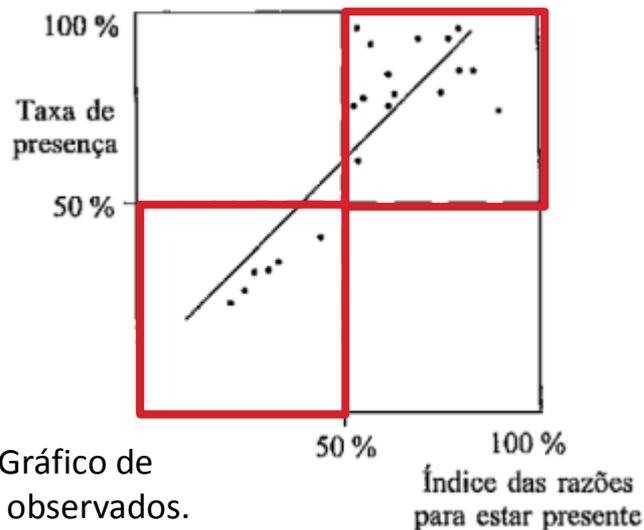


Figura 09: Gráfico de resultados observados.

CONFIRMADO

COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO ENTRE AS DUAS VARIÁVEIS: $R=0,79$

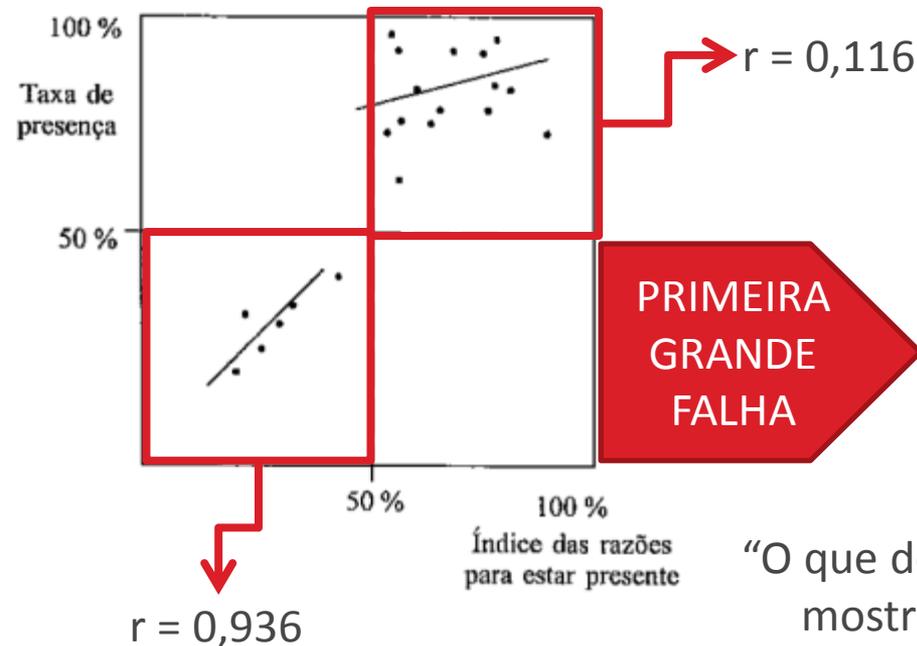
6.4 A ACOMPARAÇÃO DOS RESULTADOS OBSERVADOS COM OS RESULTADOS ESPERADOS A PARTIR DA HIPÓTESE E O EXAME DAS DIFERENÇAS

- 1) A distribuição dos pontos deveria estar ao longo da reta, mas apresenta-se em dois grupos bem distintos;
- 2) No grupo superior direito a nuvem é deslocada para a esquerda, que significa que, para uma parte das cadeiras, a taxa de presença é demasiado elevada em relação às razões para assistir à essas aulas (e as outras influências como chamadas não explicam estas diferenças).

6. A ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

6.4 A ACOMPARAÇÃO DOS RESULTADOS OBSERVADOS COM OS RESULTADOS ESPERADOS A PARTIR DA HIPÓTESE E O EXAME DAS DIFERENÇAS

A ORTODOXIA ESTATÍSTICA RECOMENDA-NOS QUE CALCULEMOS A RETA DE REGRESSÃO E O COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO PARA CADA UM DOS SUBCONJUNTOS DE PONTOS



Apenas dois dos quatro critérios estavam realmente associados às taxas de presença

QUALIDADES DO DOCENTE
INTERESSE DA MATÉRIA

$R^2=0,734$
75%

MODELO DE RACIONALIDADE
NÃO PERTINENTE

MODELO DE ANÁLISE
NÃO ADEQUADO

“O que devia ter sido um atalho tornou-se um desvio, mas mostrou-nos os inconvenientes das simplificações e facilidades que temos naturalmente tendência a permitir-nos.” (QUIVY E CAMPENHOUDT, 1992, p 273)

Figura 10: Gráfico de resultados observados por subconjunto.

7. AS CONCLUSÕES

PERGUNTA DE PARTIDA: ABSENTISMO DOS ESTUDANTES DO 1º ANO

HIPÓTESE DE RACIONALIDADE

MODELO DE RACIONALIDADE COM 4 VARIÁVEIS

MODELO DEFICIENTE

HIPÓTESE CONFIRMADA

COLETIVO



INDIVIDUAL

A HIPÓTESE ESQUECIDA

RACIONALIDADE INDIVIDUAL: não foi calculada devido à forma como foi realizada a coleta de dados – FORMULÁRIOS ANÔNIMOS



consequências da construção do modelo

NO ANO SEGUINTE: os resultados confirmaram existir uma estratégia individual numa grande maioria dos estudantes. Fizeram aparecer um modelo de racionalidade no qual a imagem do docente é o único critério de importância real.

Etapa 1

A PERGUNTA DE PARTIDA

- Formular a pergunta de partida tendo cuidado de respeitar:
 - As qualidades de clareza;
 - As qualidades de exequibilidade;
 - As qualidades de pertinência.



Etapa 2

A EXPLORAÇÃO

As leituras

- Selecionar os textos
- Ler com método
- Resumir
- Comparar:
 - Os textos entre si;
 - Os textos com as entrevistas.

As entrevistas exploratórias

- Preparar-se para a entrevista
- Encontrar-se com os peritos, testemunhas e outras pessoas implicadas
- Adotar uma atitude de escuta e de abertura
- Descodificar os discursos



Etapa 3

A PROBLEMÁTICA

- Fazer o balanço e descrever as problemáticas possíveis
- Definir uma problemática



Etapa 4

A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

- Construir as hipóteses e o modelo, precisando:
 - As relações entre os conceitos;
 - As relações entre as hipóteses.
- Construir os conceitos, precisando:
 - As dimensões;
 - Os indicadores.



Etapa 5

A OBSERVAÇÃO

- Delimitar o campo de observação
- Conceber o instrumento de observação
- Testar o instrumento de observação
- Proceder à recolha das informações



Etapa 6

A ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

- Descrever e preparar os dados para análise
- Medir as relações entre as variáveis
- Comparar os resultados esperados com os resultados observados
- Procurar o significado das diferenças



Etapa 7

AS CONCLUSÕES

- Recapitular o procedimento
- Apresentar os resultados, pondo em evidência:
 - Os novos conhecimentos;
 - As consequências práticas.

FIGURAS

Figura 01: livromedica.pt

Figura 02: <http://soniaa.arq.prof.ufsc.br/arq1001metodologiacinetificaaplicada/2012/grupo5/06.pdf>

Figuras 03 a 10: QUIVY; CAMPENHOUDT, 1992.

REFERÊNCIAS

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992. 275p.